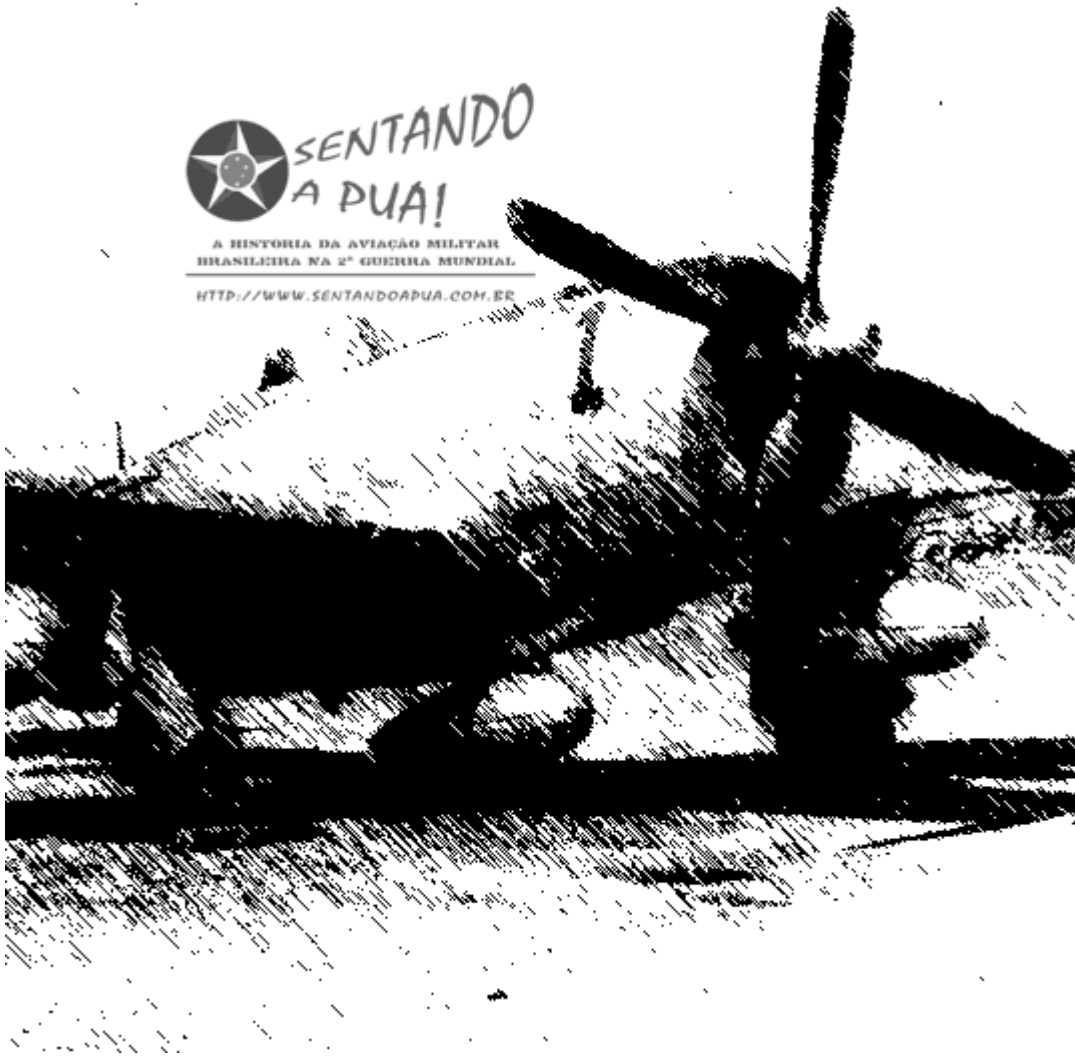




A HISTÓRIA DA AVIAÇÃO MILITAR
BRASILEIRA NA 2ª GUERRA MUNDIAL

[HTTP://WWW.SENTANDOAPUA.COM.BR](http://www.sentandoapua.com.br)



RELATO DA QUEDA DO TEN. COELHO

POR TEN. COELHO

Meu nome é MARCOS EDUARDO COELHO DE MAGALHÃES e participei do 1º Grupo de Caça da Itália como segundo Tenente, com a idade de 21 anos e meu nome de guerra era Tenente Coelho.

Fui designado para a esquadrilha verde que comandada pelo Capitão LAGARES era constituída de seis Pilotos.

Como eu era dos mais modernos e o Cap. LAGARES também, a Esquadrilha Verde era a quarta esquadrilha do 1º grupo de Caça e conseqüentemente quando o vôo era de uma esquadrilha eu era o quarto elemento e quando o vôo era de duas esquadrilhas eu era o oitavo.

Esta situação fazia com que, principalmente nas missões de bombardeio em mergulho o meu P-47 ficasse mais exposto ao FLAK inimigo, já que ao se iniciar o ataque os artilheiros alemães não sabiam se iam ou não ser atacados e após o mergulho dos primeiros aviões eles iniciavam o fogo e quando o quarto ou oitavo avião mergulhava já era impossível ver o alvo tendo em vista a quantidade de fumaça provocada pelas explosões do FLAK, principalmente a fumaça branca das baterias de 20mm.

Acredito que por este motivo o meu P-47 foi dentro do 1º grupo de Caça um dos que mais vezes foi atingido, sendo que 16 vezes cheguei à base com perfurações no meu avião.

Sem duvida nenhuma o P-47 era um caça robusto capaz de receber vários impactos da antiaérea inimiga. Não havia outro Caça melhor para as missões de bombardeio em mergulho e ataque a alvos terrestres.

Em determinada missão, da qual existe cenas tiradas pela câmera do meu avião, fomos Strafilar um depósito de munições camuflado e ao fazer o meu ataque a explosão foi tão forte que não consegui evitar que o meu avião passasse por dentro dela. Foi a missão em que o meu avião voltou mais danificado e tive que pousar seguindo as instruções pelo rádio dadas pelo capitão LAGARES, pois o meu pára-brisa estava coberto de óleo e eu não tinha qualquer visibilidade.

Executei ao todo oitenta e quatro missões completas de combate todas na região norte da Itália.

Fui abatido na 85ª missão, no dia 22 de abril de 1945. Sendo esta a segunda missão que eu fazia naquele dia.

No momento que fui atingido estávamos atacando uma coluna de tanques e outros veículos que ao notarem a aproximação da nossa Esquadrilha tentaram se abrigar em baixo de algumas árvores e edificações.

Eu não percebi que entre os tanques existia uma bateria de 20 mm e fiz a minha aproximação sem evasivas e muito baixo. Quando a bateria abriu fogo fui severamente atingido e o meu avião pegou fogo imediatamente, tendo eu saltado de pára-quadras a altura aproximada de 500 pés.

Tão logo o meu, pára-quadras abriu ouvi o barulho provocado por metralhadoras' no solo e logo percebi que estavam atirando contra mim.

Um tiro acertou minha perna esquerda e outros tiros acertaram em várias cordas do meu pára-quadras.

Com algumas das cordas do pára-quadras cortadas a minha descida foi acelerada e caí com muita força no telhado de uma casa de dois andares, quebrando as duas pernas e os pés.

Pouco depois chegaram à casa cinco soldados alemães comandados por um Cabo. Pediram que eu jogasse para eles a minha pistola e encostaram na beira do telhado duas escadas.

Com bastante dificuldade eles conseguiram me tirar do telhado eles me carregaram em uma maca até uma outra casa, colocando-me no chão da sala.

Os cinco alemães me trataram com toda a cortesia, principalmente o Cabo que se dizia muito orgulhoso pois havia sido a sua bateria que derrubara o meu avião.

Quando o cabo alemão se afastou para telefonar para o seu comandante a fim de relatar o ocorrido e pedir instruções chegaram à casa dois Tenentes italianos facistas, com suas camisas pretas, portando cada um uma metralhadora e informaram que foram eles que haviam atirado em mim e que eu devia ser morto ali mesmo.

Os alemães ficaram indignados e não concordaram mas como eu só podia me comunicar com eles em italiano os dois tenentes procuraram convencer aos alemães que eu era italiano lutando do lado dos aliados e me fingindo de brasileiro.

Mostrei a eles que no ombro do meu macacão de vô estava escrito BRASIL e que na pistola que eu entregara ao cabo Anton Shimidt estava escrito Exército Brasileiro mas eles tentaram convencer aos alemães que aquilo era um disfarce para enganar em caso de ser feito prisioneiro.

Um dos alemães pediu que eu falasse "BRASILEIRO" para mostrar que eu não era Italiano.

Disse algumas frases em português, ninguém entendeu nada e os alemães riram dos dois tenentes que haviam ficado me olhando.

Os italianos se irritaram com o riso dos alemães e um deles cuspiu no meu rosto. Como eu virei a cabeça é o cuspe caiu no chão, ele ficou com raiva e me deu uma bofetada.

Enquanto isto o outro Tenente apontou a sua pistola para a minha têmpora e por várias vezes fez o movimento de colocar a bala na agulha, indicando que a qualquer momento poderia atirar.

O Cabo, que estava ao telefone, ao ouvir o barulho da bofetada, largou o telefone com muita raiva, tirou a pistola do coldre e foi em direção aos dois Tenentes gritando com eles em alemão.

Os italianos tentaram argumentar, mas o Cabo estava realmente indignado. Disse algumas palavras para os Tenentes e como eles não se moveram, deu três ou quatro tiros em direção aos seus pés.

Com os tiros os Tenentes se assustaram e saíram correndo da casa.

O Cabo Shimidt, com o rosto todo vermelho, virou-se para mim e disse em um italiano misturado com alemão "Italiano em frente não pum pum, qui pum pum brasileiro, pum pum paisano, pum pum tuti, em frente corri." "

Depois que os tenentes sumiram e o Cabo se acalmou ele disse que seu comandante havia mandado que ele me levasse junto com o comboio que iria partir ao anoitecer e que pela manhã me levasse para um determinado hospital.

Assim que a noite chegou eles colocaram a minha maca no chão de um pequeno caminhão e de cada lado nos bancos laterais, iam sentados cinco soldados.

A viagem foi bastante acidentada pois as estradas estavam muito danificadas e em vários momentos aviões aliados passaram sobre o comboio obrigando os motoristas a sair da estrada para procurar abrigo.

As dores que eu sentia eram bem fortes mas o medo de morrer pelos aviões aliados era maior e me mantinha acordado atento.

Em determinado trecho, quando estávamos fora da estrada, o soldado que estava mais próximo da minha cabeça, se abaixou e perguntou se eu falava francês. Tendo respondido que sim, ele me disse que era Russo, que havia sido feito prisioneiro no início da invasão da Rússia e que posteriormente, em troca de um melhor tratamento havia concordado em lutar pelos alemães.

Pedi que eu lhe sugerisse o que devia fazer, pois sabia que a guerra estava no fim e que os alemães estavam derrotados e que se voltasse para Rússia seria morto. Disse a ele que realmente o fim da guerra estava por poucas semanas e que o único conselho que eu podia dar era para que ele procurasse trocar o uniforme por roupas civis, se escondesse em algum lugar e tentasse se fazer passar por refugiado de guerra, sem nunca mencionar a sua nacionalidade.

Algumas horas depois, em plena madrugada, ouvi alguém, próximo do nosso caminho perguntar, em perfeito português; brasileiro aonde você está?

Avisei ao Russo que alguém estava me chamando e ele saiu do caminhão, voltando logo depois acompanhado de um Capitão da LUFTWAFFE.

O capitão se aproximou de mim, me deu um abraço e disse que também era brasileiro, de Blumenau, no Estado de Santa Catarina.

Ele me contou que quando tinha 18 anos, em 1938 o seu pai, que era alemão, mandou-o para Alemanha a fim de estudar. No ano seguinte estourou a guerra e ele foi convocado. Escolheu a aviação e saiu piloto de Caça. Participou de varias missões, inclusive da batalha da Inglaterra. Quando o Brasil declarou guerra às nações do eixo os seus superiores acharam que ele não mais merecia confiança e o tiraram do vôo e o designaram para uma unidade de canhões antiaéreos.

Perguntou-me o que eu achava que ele devia fazer e eu dei a ele o mesmo conselho que dera ao Russo. Disse a ele que a divisão brasileira estava próxima daquela região e que ele, em roupas civis poderia aguardar a chegada dos brasileiros e procurar obter alguma assistência, sem dizer que havia lutado pelos alemães.

Quando o dia estava clareando o nosso caminhão foi levado para uma casa à beira da estrada e estacionado dentro de uma garagem.

Pouco depois o Cabo Shimidt apareceu com um triciclo que tinha entre as duas rodas dianteiras uma plataforma de madeira.

Os alemães me tiraram da maca e me colocaram sentado na plataforma de madeira, com as pernas esticadas para frente.

O Cabo Shimidt foi pedalando o triciclo e dois soldados nos acompanharam em bicicletas.

Fui informado por eles que estavam me levando para o Hospital de Reggio Emilia e que deveríamos levar umas duas horas até o Hospital.

Já era dia claro, provavelmente 7 ou 8 horas da manhã, mas a viagem levou muito mais tempo do que o previsto pois durante o percurso fomos sobrevoados umas seis ou sete vezes por esquadrilhas de Caça aliados inclusive por JAMBOCKS.

A cada aproximação dos aviões os alemães saíam da estrada e duas vezes o triciclo virou me atirando para fora o que provocava dores fortes em minhas pernas.

Por volta do meio dia chegamos ao Hospital, que estava ocupado pelos alemães, mas era uma construção permanente, de aspecto bonito e bastante grande.

Ao atravessarmos o portão a sentinela foi informada que eu era um oficial aviador ferido e ele disse que o comandante do Hospital já havia avisado que iríamos chegar.

Quando chegamos à porta do Hospital aproximou-se um capitão médico, se apresentou e mandou que me colocassem em uma maca e me levassem imediatamente para a sala de emergência.

Este Capitão (Dr. Lubben) falava fluentemente Francês e nesta língua passamos a nos comunicar.

Ele me informou que o Hospital estava praticamente sem recursos, o Raio X não estava funcionando e não dispunha de anestésico, mas que ele era ortopedista e faria tudo para me ajudar.

Ele reduziu as minhas fraturas, quatro na perna esquerda e duas na perna direita e nos pés, disse que achava que tinha feito um bom trabalho e colocou o Gesso.

Nós levávamos, em um bolso do macacão, uma caixa de primeiros-socorros com vários medicamentos, inclusive Morfina. Por causa do medo de ser assassinado eu evitei aplicar em mim a MORFINA que aliviaria as minhas dores. Por este motivo pude dar a MORFINA ao capitão, a fim de que ele pudesse aplicá-la em algum ferido alemão que estivesse sofrendo mais do que eu.

Terminado o seu trabalho o médico mandou que me lavassem e fui conduzido para um quarto particular com uma só cama e uma grande janela com vista para a Auto-Estrada.

Depois do jantar o médico veio ao meu quarto, fechou a porta e tirando um mapa de bolso, pediu que eu indicasse no mapa a posição das tropas russas, pois ele só acreditava nas informações da BBC de Londres e havia mais de um mês que ele não conseguia ouvir aquela emissora.

Tracei no mapa a posição das tropas russas e a cidade de LEIPZIG aparecia como já ocupada pelos russos. O médico baixou a cabeça, apertou-a com as mãos e tive a impressão de que estava rezando.

Quando levantou a cabeça, vi que os seus olhos estavam cheios de lágrimas e ele me disse que sua esposa e um filho pequeno moravam em LEIPZIG e quando começou a perceber que a Alemanha estava perdendo a guerra passou a rezar, pedindo a Deus que fossem os aliados os primeiros a chegar à sua cidade.

Todas as noites o capitão, um tenente médico e uma enfermeira vinham ao meu quarto e jogávamos BRIDGE.

Durante o dia eu via o movimento na Auto-Estrada e por volta do 5º ou 6º dia percebi um aumento no movimento de veículos e imaginei que fosse uma grande retirada dos alemães. No dia seguinte comecei a ouvir o barulho da Batalha e pude imaginar que a frente de combate estivesse bem próxima de REGGIO EMIGLIA.

Logo depois do jantar o capitão entrou no meu quarto e me informou que ele ia evacuar o Hospital, que iria deixar ali 12 feridos alemães que não tinham condições de serem transportados e que por este motivo eu também ficaria, já que a convenção de

Genebra mandava deixar o mesmo número de soldados inimigos e eu era o único aliado no hospital.

Como dos que iam ficar, eu era o único oficial ele ia passar a mim o comando do Hospital e deixaria também um enfermeiro e uma enfermeira para cuidar de nós.

Algum tempo depois o capitão voltou ao meu quarto, acompanhado do Tenente e três subalternos, deu voz de posição de sentido, leu alguma coisa em alemão, que eu suponho ter sido a passagem de comando e me entregou uma pistola.

Terminada a cerimônia o capitão dispensou as outras pessoas, fechou a porta e disse que queria se despedir de mim.

Perguntou se eu conhecia o Dr. Mario Jorge, um Ortopedista brasileiro que havia estudado com ele em Munich.

Fiquei muito impressionado, pois eu conhecia pessoalmente o Dr. Mario Jorge que era diretor do Hospital dos acidentados no Rio de Janeiro e havia tratado de minha mãe quando ela sofreu um acidente de automóvel.

Na hora da despedida o capitão disse que a vida não tinha mais sentido para ele pois tinha certeza que nunca mais veria a sua esposa e seu filho.

Eu respondi que ele não devia ser tão pessimista, que a guerra estava no fim é que os russos não tinham porque fazer mal aos seus entes queridos, mas se ele estava tão certo desta tragédia o que devia fazer era permanecer à testa do Hospital, cuidando dos feridos e se deixar fazer prisioneiro pelos aliados.

Ele olhou fixo para mim, deu um sorriso e disse: Marcos, eu sou um soldado e, como tal, obedeço ordens.

Com esta frase estendeu a mão para mim, eu apertei e lhe desejei boa sorte e disse que iria pedir a Deus, em minhas orações, que ao fim da guerra ele estivesse vivo e encontrasse sua esposa e seu filho.

Ele agradeceu, saiu do quarto e logo depois, eu ouvi o ruído das viaturas se afastando.

Durante esta noite morreram três feridos alemães.

Na manhã seguinte, quando a enfermeira abriu a janela do meu quarto eu pude ver na Auto-Estrada tanques e viaturas americanas passando, bem como vários grupos da Infantaria.

Pouco depois ouvi um grande barulho nos corredores do Hospital e de repente a porta se abriu, o enfermeiro e a enfermeira alemães entraram no quarto apavorados e se meteram embaixo da minha cama.

Logo atrás dos dois entraram quatro PARTIZANS armados até os dentes e perguntaram se eu era o oficial brasileiro.

Informei que sim e que estaria no comando do Hospital até a chegada ali da primeira unidade aliada.

O chefe dos PARTIZANS, que de vez em quando dava uns pontapés nos dois enfermeiros, disse que eles iam matar todos os alemães que estavam no Hospital, pois eles eram uns porcos e não mereciam continuar vivos.

Fiquei indignado tentei contornar a situação inventando que o comandante do Hospital havia me dito que antes de partir havia enviado um mensageiro ao encontro dos brasileiros informando que ele iria deixar no hospital doze alemães, dois enfermeiros e um Piloto Brasileiro.

O chefe Partizan voltou a dizer que todos os alemães eram uns porcos e que eu não podia denunciá-los.

Não vendo outra saída, passei a mão por baixo do meu travesseiro, peguei a pistola, apontei-a para o chefe e lhe disse que se alguém ali fosse assassinado, todos nós morreríamos.

Os quatro Partizans levaram um susto ao verem que eu estava armado e apontando a arma para o seu chefe.

Trocaram algumas palavras entre si, e o chefe virou-se para mim e disse:
O senhor não sabe a maldade que existe dentro de cada alemão, mas como a maioria dos que estão aqui já está quase morta nós vamos deixá-los viver em sua homenagem.

Um dos Partizans colocou sobre a minha cama uma saca com frutas e uma galinha pronta para ser cozinhada e os quatro partiram.

Este foi o momento mais duro da minha experiência e quando o meu medo foi maior.

Ao longo de todo este dia vi várias unidades americanas passando na Auto-Estrada e, por volta do meio dia comecei a ver grupos de soldados alemães caminhando em sentido contrário, com as mãos na cabeça e escoltados por poucos soldados americanos.

Algumas vezes passavam pequenos grupos de alemães sem escolta e duas vezes vi, da janela alguns partizans, escondidos entre as árvores metralharem soldados destes grupos e vários soldados caírem.

Durante este dia morreram seis dos feridos alemães que ainda estavam no Hospital e quando a noite já havia chegado entrou no Hospital um grupamento médico de americanos comandado por um Major que veio imediatamente falar comigo.

Cumprimentamo-nos e eu lhe disse da minha grande alegria em vê-lo.

Ele me disse que sabia da divisão de Infantaria Brasileira lutando na Itália, mas não sabia nada sobre o grupo de caça e que estava satisfeito em poder me ajudar e que no dia seguinte eu seria levado para o Hospital de evacuação americano em Bologna.

Realmente, no dia seguinte, bem cedo, dois padioleiros americanos me passaram para uma maca e me levaram para uma ambulância.

Esperamos algum tempo enquanto foram colocados na mesma ambulância os três feridos alemães que ainda estavam vivos.

Ao longo do percurso que fizemos, por estradas bastante danificadas, a ambulância fez quatro paradas para descanso dos feridos e atendimento médico.

As paradas eram feitas em pequenos Hospitais de campanha, nós éramos retirados da ambulância e médicos e enfermeiros nos atendiam e confortavam.

Ao verem no meu DOG-TAG que eu era piloto, imediatamente mandavam me servir uma dose de SCOTCH.

Eu nunca bebo álcool, não por virtude, mas por não apreciar, mas não queria ser indelicado e portanto sorvia o SCOTCH fingindo apreciar.

Em consequência deste fato, quando chegamos ao nosso destino que era o Hospital de Evacuação Americano, nos arredores de Bologna eu estava me sentindo bastante bêbado e tentei disfarçar da melhor maneira possível.

Ao chegar ao Hospital de Bologna fui levado imediatamente para a sala de emergência aonde o médico pediu que eu relatasse o que havia ocorrido e imediatamente mandou que tirassem os aparelhos de gesso e me levassem para o Raio X.

Pouco depois de me levarem de volta para a sala de emergência o médico veio falar comigo e disse que estava admirado com a técnica e eficiência do médico alemão, pois as minhas fraturas estavam perfeitamente reduzidas e que ele ia engessá-las novamente.

Terminado o trabalho do médico fui levado para uma grande barraca aonde havia umas vinte camas, quase todas ocupadas.

Logo depois veio falar comigo um Padre do exército americano, pois no DOG-TAG estava anotada a minha religião.

Pela manhã do dia seguinte veio me ver o comandante do hospital e me condecorou com a PURPLE HEART MEDAL o que me deixou muito orgulhoso.

À tarde o comandante voltou com um semblante muito sério e me pediu desculpas, pois haviam informado a ele que aquela condecoração só era agraciada a feridos americanos e que portanto, ele era obrigado a me pedir que eu a devolvesse.

Fiquei neste hospital dois dias e depois fui levado para o Hospital de Livorno aonde trabalhava uma equipe Médica Brasileira.

Logo após a minha chegada recebi a visita muito amiga de Rui Moreira Lima de quem voei como ala na quase totalidade de minhas missões.

Ele fez muita festa ao me ver e depois de me abraçar foi para o pé da minha cama e disfarçadamente começou a passar a mão nas minhas pernas.

Soube por ele que assim estava procedendo porque haviam dito a ele que eu havia tido uma ou as duas pernas amputadas.

Rimos muito os dois com a minha felicidade a com o fato da guerra ter terminado.

Pela minha participação na guerra, recebi do governo Americano a DISTINGUISH FLYING CROSS e duas vezes a AIR MEDAL.